

**A PALAVRA COMO COMBATE, O POEMA COMO ARTE: MARTINS JÚNIOR,
UM NÁUFRAGO DA REPÚBLICA (1860-1904)**

Flávia Braga

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco

flaviabrunabraga@gmail.com

Em meados da década de 1870, quando as tensões políticas passaram a desgastar o Império com maior amplitude, várias foram as manifestações em busca de mudanças, em especial o abolicionismo e o republicanismo. Tais frentes de lutas não ficaram restritas às discussões partidárias, nem a tribunas políticas, mas abrangeram também as ruas, os cafés, os jornais, bem como as produções literárias do período. De maneira específica, uma nova corrente lírica, nascida das manifestações pelo fim do Império, agregou a poesia à ciência, à república e ao ateísmo: a poesia científica. Esta corrente literária, de maneira mais específica, foi bastante forte no Norte do Império, em especial em Pernambuco, estando no último quartel do século XIX buscando autonomia crítica em relação à Corte, não apenas no sentido literário, bem como intelectual e político (MONTENEGRO, 2013, p.25). Não se pode, desta forma, desvincular a poesia científica da sua origem territorial, nem mesmo das intenções políticas nortistas deste período, profundamente ligada ao movimento republicano de propaganda que marcava o Norte nesta época.

José Isidoro Martins Júnior, considerado o ‘consolidador’ desta corrente literária, nasceu na cidade do Cabo de Santo Agostinho, região metropolitana do Recife, em 1860. De família modesta e sem recursos financeiros, teve as primeiras letras com seu avô e no início da adolescência buscou autonomia na Capital para continuar seus estudos. Foi ainda pequeno – 10 anos – que demonstrou aptidão para a poesia, escrevendo sobre a guerra franco-prussiana (A CULTURA ACADÊMICA, PE, 22-09-1904). Ao ingressar na Faculdade de Direito do Recife em 1879, surgiram seus primeiros escritos poético-científicos publicados em conjunto com Clóvis Beviláqua nas *Vigílias Literárias*. Consagrado, desde cedo, como liderança expressiva do movimento republicano e positivista em Pernambuco, Martins Júnior popularizou-se na década de 1880, tanto por sua atuação ativa na província, como também pela publicação de um pequeno livro de bolso que se tornaria a ‘bíblia’ republicana da juventude: *Visões de Hoje*. Não é a intenção deste artigo fazer uma análise métrica e crítica dos alexandrinos da poesia de Martins Júnior, mas analisá-lo à luz da propaganda republicana e o impacto que seus escritos tiveram sobre sua

geração e as posteriores. Desta forma, caso o leitor queira uma análise da escrita poética em sua versão mais versificada, encaminho-o para a dissertação de Delmo Montenegro listada ao final dessas páginas.

Apesar de não ser o primeiro escritor de poesia científica no Brasil¹, Martins Júnior se consolidou como seu principal propagador. Este tipo de literatura defendida por ele buscava aproximar os versos das descobertas científicas do século XIX, inspirado no positivismo comtiano cujas bases o orientam: ateísmo, republicanismo e cientificismo. Para ele, a poesia tinha um sentido claro: orientar o ativismo político, ou em seus próprios versos, “fabricar estrofes-bisturis” (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.37). A poesia deveria ser útil, filha do século XIX, propagadora das descobertas e demolidora das antigas instituições, não uma expressão sentimentalista oca e sem sentido, como o faziam os românticos. Para ele, “a poesia foi sempre o transunto dos sentimentos de um povo ou de uma época”, por isso, apesar de ser bastante influenciado pelas doutrinas europeias, Martins Júnior adequa suas leituras ao momento vivenciado pelo Brasil (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.24). Sua poesia é, ao mesmo tempo, nacionalista e cosmopolita, ainda que isso pareça contraditório. Para ele, a poesia científica

...está em que existem sentimentos nascidos da difusão da ciência, correspondendo ideias também nascidas desta. O sentimento da simpatia e amor social, por exemplo, é filho da ideia da solidariedade humana, sugerida pela meditação filosófica. E tanto a ideia de solidariedade social, como o sentimento de amor pela coletividade, põem inspirar ou produzir poemas esplêndidos (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.28-9)

Há contradições na forma como a disposição de suas opiniões em seus versos são interpretadas posteriormente, muitas vezes se confundindo o seu positivismo com socialismo em decorrência das posições polêmicas e, em geral, em defesa dos proletários e escravos. Entretanto, o termo ‘socialismo’ neste contexto não se refere à teoria política marxista, mas ao *uso social* da poesia. Theotônio Freire, por exemplo, considera que as primeiras produções de Martins Júnior, *Vigílias Literárias* (1879), seriam os primeiros versos de “poesia social” e complementa que “Nos demais livros de versos, Martins Júnior

¹ Considera-se o primeiro autor científico Sílvio Romero com “Cantos do Fim do Século” em 1878, bem como o primeiro teorizador Clóvis Beviláqua no mesmo ano. A relação próxima entre Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua e Martins Júnior através da Faculdade de Direito do Recife seria de fortíssima influência sobre esse último que, então, seria considerado o verdadeiro ‘consolidador’ da poesia científica no Brasil.

foi um poeta essencialmente socialista, ferindo sempre a corda bronzada dos combates e das revoltas contra o despotismo (A CULTURA ACADÊMICA, PE, 22-9-1904, p.66).

Desta forma, um leitor desatento poderá causar confusão entre positivismo e socialismo em Martins Júnior². Para ele, a luta política de rua e a poesia são tudo a mesma coisa. A poesia científica é uma arma. França Pereira, seu companheiro de propaganda, afirmou que “em Martins, o cidadão e o artista eram um e o mesmo indivíduo a serviço de um ideal supremo” (A CULTURA ACADÊMICA, PE, 22-9-1904, p.95). Também Phaelante da Câmara se expressa no mesmo sentido ao afirmar que “nos seus versos, nos estudos de filosofia, nos artigos de propaganda abolicionista, nos discursos de combate ou puramente literários, ele teve sempre para os seus anelos democráticos a nota pessoal das suas tendências inconfundíveis” (CÂMARA, 1904, p.8). Martins Júnior, em artigo para o *Correio da Noite*, na época contando 18 anos, demonstrou seu posicionamento específico³ quanto a poesia socialista e se opõe a visão de Silvio Romero neste aspecto

O Socialismo para nós não é a filosofia de Joseph Proudhon, Charles Fourier, Babeuf, etc.. (note-se que falamos quanto à poesia), mas sim a escola de mais extensão e fecundidade entre as mais novas, e que abrange tanto a poesia realista, como a revolucionária e a positivista. Não vemos, pois, que o Sr. Dr. Sílvio Romero fosse justo quando negou a importância atual das três escolas citadas [...] No campo da ciência o poeta deve enrolar-se no pavilhão do Positivismo; quando no terreno da política, o boret rubro da liberdade revolucionária deve sombrear-lhe a frente; todos os grandes problemas da vida social necessitam de ser passados por ele no crisol da inspiração, e é-lhe também rigoroso dever batalhar contra a reação do apodrecido sentimentalismo. A escola socialista de que já falamos fica para nós constituída com esses elementos (MARTINS JÚNIOR, CORREIO DA NOITE, PE, 12-3-1879)

² É preciso uma explicação à parte. O positivismo é uma teoria trabalhista tanto quanto o socialismo no final do século XIX, as diferenças são, entretanto, na abordagem. Enquanto o socialismo se direciona para as classes operárias, dando-lhes protagonismo na luta de classes, o positivismo se volta para as elites políticas e patrões, obrigando-lhes a se comprometer com o bem-estar das classes operárias. Como é uma abordagem “de cima para baixo”, os positivistas se consideravam mediadores sociais, pois entendiam que o diálogo, a negociação e até mesmo a ‘doutrinação’ das elites para uma responsabilidade trabalhista e ordem social seriam mais eficazes para alcançar a paz. Martins Júnior, como um ferrenho defensor positivista, está de acordo com essa interpretação. Seus versos são voltados para um combate político e social que alguns estudiosos e até mesmo contemporâneos seus costumavam confundir com socialismo. Ao longo de sua vida, Martins Júnior está muito próximo de escravos, ex-escravos, classes trabalhistas e foi até mesmo convidado por Vicente de Souza – líder do Centro das Classes Operárias no Brasil – para fazer parte do conselho juriconsulto para a elaboração das primeiras leis trabalhistas do país (JORNAL DO BRASIL, 4-12-1903). O termo socialismo atribuído aos seus textos não são, portanto, ligados à teoria marxista.

³ Martins Júnior chegou a se declarar um ‘positivista independente’ após receber críticas por membros do Apostolado por não seguir ao ‘pé da letra’ a doutrina da Comte, mas por dar interpretação própria. Questionado sobre isso, respondeu: “não sigo as pisadas do sr. Laffitte, não aspiro as honras de discípulo ortodoxo do positivismo, não aceito de todo a religião da humanidade e nem rejeito o fato biológico da população, como base da sociologia, para acoitar o fundamento que lhe deu Comte” (A IDEIA NOVA, PE, 10-6-1880.)

Em suas próprias palavras a poesia científica é definida

Desde a lei astronômica da atração até o evolucionismo biológico e social, desde as generalizações da filosofia até os fatos particulares do amor, da dedicação, da coragem, do civismo, da paz, da família, da felicidade, da miséria, do crime, do patriotismo; desde a luta pela vida nos vegetais e nos animais até o conforto doce de um ménage alegre e honesto; vai, ou antes, deve ir a poesia de hoje (MARTINS, 1914 [1883] p.32)

Dividida originalmente em três ‘visões’ (Científica, Política e Religiosa) – acrescida da quarta (Artística) em 1886 na segunda edição – sua obra-prima *Visões de Hoje* foi, desde o princípio, escrita para tornar-se polêmica, como afirmou Vital Fontenelle: uma obra feita com “o colorido sedutor dos seus alexandrinos de combate” (TAGARELA, RJ, 1-9-1904). Colocando-se como eu-lírico em diálogo com a Musa (a poesia), Martins Junior transformou seus versos em uma ‘conversa’ sobre o ‘dever’ da nova geração. No trecho abaixo, percebe-se uma visão generalizadora da ideia de ‘combate’ pelo futuro, que vai desde o simples sarcasmo até a luta armada

*(...) Mas sê antes de tudo um soldado da Ideia!
Pode-se ter amor, beijar as criancinhas,
Pregar a paz, ser bom, terno como avezinhas,
E pode-se também vestir uma fardeta,
Ser herói, combater, cravar a baioneta
Num peito ou numa alma estranha. A condição é ser
Produtivo o luar, ser luta do Dever!
Por consequência estuda, canta, ri, combate.
Em tuas odes põe o ríspido acicate
Da ironia, do fel, da sátira explosiva
Que chia sobre o Mal como na carne viva
Uma brasa. Observa as formidáveis leis
Que regulam a queda, a elevação dos reis
(MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881] p.49)*

Em editorial do órgão do Clube Republicano Acadêmico, pouco tempo depois Martins Júnior afirmou que a filosofia comtiana “aí está para revigorar as energias e para dar a certeza da vitória aos que se pusessem do lado da República” (A REPÚBLICA, PE, 5-6-1882). Desta forma, apesar de não podermos dizer que Martins era um evolucionista passivo – pois sua própria atuação ativa vai de encontro a essa ideia – ele demonstrava inabalável esperança no progresso científico. No trecho abaixo, ele traz a mescla de ateísmo, positivismo e cientificismo em um curto verso

*Poeta! Alguma vez, de pé sobre o Presente
Observaste o oceano indômito da História?
Trouxeste alguma vez à barra da Memória
Esse redemoinhar elétrico de gente
Que vem desde o viver lacustre das cavernas*

*Onde os primeiros pais arrastavam-se nus
Até as eclosões das épocas modernas
Em que a ciência é mais serena que Jesus?*
(MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.35)

Muito se comenta sobre a importância da ciência como fator iconoclasta na poesia de Martins Júnior. Apesar deste critério ser absolutamente verdadeiro, foi a *fusão* de cientificismo, republicanismo e *ateísmo exacerbado* que performou uma lírica de combate. Em seus versos, deixa claro que seu posicionamento não é apenas anticlerical, é um posicionamento ateu⁴, contrário a qualquer religião conhecida, como ele mesmo se proclamava

*Estendem-se no pó do solo os velhos cultos.
Mitos fenomenais espalham-se, insepultos,
Numa grande extensão do esquálido terreno.
O ar é fino e puro; o espaço azul, sereno.
Júpiter, Jeová, Osíris, Buda, Brahma,
Jazem no escuro chão sob esta lousa – a lama!
Como coisas senis, fossilizadas, negras,
Amontoam-se além as bolorentas regras
Da Bíblia, do Alcorão, do Avesta e Rig-Veda.*
(MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881] p.107-8)

Mesmo que Martins Júnior fosse avesso à ideia de revoluções armadas ou qualquer tipo de desordem social, sua poesia tomou rumos e proporções para bem além dos seus pensamentos pacíficos. A poesia dele foi lida como um chamado e a juventude brasileira o consagrou desta forma, uma verdadeira ‘arte de escândalo’ (MONTENEGRO, 2013, p.140). Phaelante da Câmara, companheiro de propaganda e posteriormente seu adversário na República, discursou em seu préstito fúnebre lembrando que “as Visões, além de ter maior envergadura específica, vestiu-lhe a clamide vermelha de combatente e deu-lhe o sainete cívico de um poeta dobrado do instinto poderoso da propaganda” (CÂMARA, 1904, p.6)

*Homem do meu país! A lei positivista
É pois quem representa a síntese moderna
Do espírito humano, à cata de cisterna
Onde possa beber a linfa cristalina
De um ideal Seguro!
Abraça tal doutrina,
E há de ver como desce uma serenidade
Imensa sobre ti e sobre a Humanidade,
E como te penetra um vivido desejo
De ser trabalhador e puro como um beijo
Amoroso de mãe...*

⁴ Pela lei dos estágios do positivismo comtiano as religiões estão em estágio mais primitivo que o positivo (ciência).

(MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881] p.68)

A poesia de Martins não era distante de sua produção jornalística, nem mesmo de sua atuação propagandística. No mesmo editorial do Clube Republicano Acadêmico citado acima, deixou claro que o republicano daquele século “espera hoje pelo advento da forma de governo republicana com a mesma segurança com que um químico, fazendo a decomposição da água, espera achar no fim do seu trabalho o oxigênio unido ao ferro do seu aparelho sobre a aparência de ferrugem” (A REPÚBLICA, PE, 5-2-1882). Desta forma, é possível afirmar que, para ele, as absolutas crenças políticas, tão ferrenhas que tinha, eram fruto da esperança inabalável no progresso, desembocando na sua lira de combate nessa mesma crença. Não se pode deixar de comentar, também, que o período de produção do livrinho é, justamente, o início da sua atuação dentro do Clube Republicano Acadêmico. Apesar de já ter entrado na Faculdade de Direito com uma orientação política bem definida nos anos de preparatório⁵, é nos seus anos de graduação que Martins Júnior ganha força perante a juventude que ele mesmo representa. Nos versos abaixo, tidos como um dos mais indicativos do seu público-alvo, conclama seus contemporâneos para a luta

*Veste a cota do Bem, o aço do Valor,
O bronze da Vontade, e põe com todo o ardor
O teu braço ao serviço atlético da causa
Do trôpego Brasil, que sem descanso ou pausa
Sofre os males que viste. É uma obrigação
Que hoje tem todo moço...*
(MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p. 47)

O livro fez surgir uma acirrada disputa de opiniões. De um lado, entusiastas frenéticos que viam naqueles versos uma chamada à luta; do outro, críticos ferrenhos que não compactuavam com as ideias levantadas. Tendo sido um livrinho de combate para ser utilizado como arma política, Martins Júnior previu a enxurrada de oposições que seriam dirigidas já nas notas da primeira edição, ao afirmar que “a crítica que as julgue, que as inspecione, que as anime ou que as mate. Isso me importa pouco, de resto” (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.12). As críticas a seus escritos partiam, basicamente, de dois argumentos: da incompatibilidade da arte com a ciência e da pobreza dos seus versos,

⁵ A produção jornalística de Martins Júnior começa no jornal *A Luz* em 1873 (com 13 anos), mas é com o periódico *O Progresso* (1875-8) que o jovem garoto demonstra suas aptidões para o pensamento positivista científico. Seria errôneo, portanto, afirmar que Tobias Barreto o ‘transformou’ na Faculdade de Direito, antes essa influência seria mais forte com Clóvis Beviláqua, Clodoaldo de Freitas, Generino dos Santos e outros mais velhos que o influenciaram nos anos anteriores à faculdade.

considerados mal metrificados. Ambas as críticas buscavam desqualificar sua produção não pelas suas ideias – consideradas muito populares entre a juventude e, portanto, um argumento claramente frágil – mas pela sua incompetência lírica. Em artigo no jornal *Novidades* (RJ) em 10 de fevereiro de 1888, Adherbal de Carvalho afirmou estar

convencido de que o próprio Martins Júnior daqui há alguns tempos pensará comigo, pois, sendo como é um ótimo poeta, não deixou, todavia, de sacrificar os seus versos, errando-os desastrosamente, somente para deixar ileso as teses científicas que discute no seu livro (NOVIDADES, RJ, 10-2-1888)

Já o *Correio Paulistano* (SP, 8-7-1881) em artigo anônimo considerou “lamentável” e um “verdadeiro desastre” afirmando que Martins Júnior “não tem individualidade” e “estragou a ciência e a poesia”. Já para Medeiros e Albuquerque “na sua poesia científica, Martins Júnior, o que fazia era reduzir a versos teorias científicas, de preferência positivistas” (1995 [1928], p.89). No jornal *O Etna*, com inclinações republicanas, também lhe valeu críticas, ao afirmarem: “vemos, com um certo pesar, a anarquia mental revolucionária que paira sobre essa mocidade talentosa que podia com algum trabalho firmar no país a literatura nacional” (*O ETNA*, PE, 15-10-1881). As críticas foram bem além de análises educadas. Em artigo irônico e com claros tons de deboche social, Alcedo Marrocos assim se pronunciou sobre o livro

Comprei-a no beco da Congregação, se bem me lembro, tão nova como saíra do prelo, pelo duplo que valia, quero dizer MEIA PATACA (sic). E creio que tenho lastimado de veras o meu emprego do meu dinheiro! Meia pataca dava-me, pelo menos, para comprar uns quatro canudos de pomada (...) Eu não sabia, então, que o Sr. Martins Júnior, além de moço pobre, era também republicano e podre (sic), portanto, como muitos dos seus correligionários, Grachos de água doce, ter, como cefalópodes, no entender dos naturalistas, três corações, um voltado a cada partido, o que é um meio de ser agradável a todos (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, PE, 30-11-1887)

Martins Júnior, em seu manifesto pela poesia científica, declarou saber que a poesia que defendia “conta em toda parte grande número de inimigos mais ou menos perigosos, divididos em grupos de matizes diferentes, ora congregados, ora esparsos” (MARTINS JÚNIOR, 1914 [1883], p.50). A ressalva quanto aos seus deméritos métricos também é apontada por estudiosos contemporâneos, especificadamente os críticos literários que analisam sua obra. Isabela Borges considera que “seus versos não podem ser colocados no mesmo patamar de muitos contemporâneos seus (...) sobretudo porque sua dicção poética está evidentemente abaixo dos melhores da sua época” e, ainda assim, não lhe retira o reconhecimento na história da literatura brasileira (BORGES, 2018, p.180). Márcia Peters Sabino o considera pedante e didático, porém com fortíssima influência sobre Augusto dos

Anjos (SABINO, 2006, p.54). Seus admiradores, por outro lado, fazem vista grossa em relação à métrica para elevar-lhe a coragem pela luta política. Em artigo anônimo no jornal *Libertador* (CE, 13-10-1886) afirma que Martins “maneja com grande facilidade o alexandrino que entre as suas mãos firmes forma feição de florete, de uma arma de combate”. Em *O Paiz*, jornal maranhense, afirmou que Martins

...é um dos valentes lutadores que mais trabalham para dar à literatura pátria uma feição moderna (...) os versos do jovem poeta têm uns tons que de certo não agradarão aos sectários da velha escola, de poetas choramingas, e esse é justamente o seu maior merecimento (O PAIZ, MA, 15-10-1884)

Em uma sociedade profundamente conservadora – sendo ele mesmo um positivista (na época tido como teoria rebelde) – a fama que *Visões de Hoje* lhe deu ressoou por décadas após sua morte como símbolo de resistência. *Visões* era o livro de bolso de qualquer jovem revolucionário no Brasil naqueles tempos. Graça Aranha, em suas memórias, lembra que ele se agrupou “com os ardentes da faculdade, formei no rancho dos estudiosos, dos inovadores, dos rebeldes” (ARANHA, 1931, p.157). Em testemunho deixado por Joaquim Manuel Simões, este afirmou que

...como, por encanto, nos surge José Isidoro Martins Júnior, um prometedor moço pernambucano, com um esplêndido e simpático livrinho de versos (...) [*Visões de Hoje*] produz-nos uma sensação saudável e agradabilíssima que até hoje poesia alguma daqui fora dado produzir. A gente sente-se fortalecido, anestesiado e como que rejuvenescido ao saborear aquelas valentes estrofes um primor de forma e de ideia (GAZETA DO NORTE, CE, 15-8-1882)

Gervásio Fioravanti, que figurou entre os jovens “calouros” na Faculdade de Direito do Recife após a saída de Martins Júnior em 1883, comentou em ocasião da morte do poeta que

Só quem viveu nesse tempo e ainda menino copiava na capa de seus livros os versos desse poeta e ainda pode repetir de cor que [...] compreende a segurança com que a sinceridade de um verso grava as impressões de um momento, do mesmo modo porque um trecho de música faz-nos passar de memória todos os incidentes de uma ocasião (A CULTURA ACADÊMICA, PE, 22-9-1904, p.22)

Um relato semelhante deixa um dos seus alunos, Arthur Muniz

O poeta de *Visões de Hoje* me dominara pelo império do verso, e mais, começara a ser a Canaã ideal para a qual a minha alma partira cheia de sonhos, cheia de ilusões, cheia de amor! Mas, não o conhecia senão como poeta, só havia recebido dele as ideias por meio da austeridade da palavra escrita: era pouco para mim isto! Queria ouvi-lo falar, desejava ter a certeza de ser Martins na tribuna a imagem do sonhador que sonhara ele fosse, vendendo o auditório pela evangelização da palavra sonora, pura, verdadeira, encantadora por todas as faces! Eu o sonhara assim, eu o queria assim, portanto, na realidade! (A CULTURA ACADÊMICA, PE, 22-9-1904, p.49)

A impressão que Martins Júnior causava com sua oratória marcou profundamente sua geração. “Corajoso e honesto, sua palavra convencia e prendia os auditórios, fascinando-os” (BANDECCHI, 1960, p.65). Há muitos relatos de contemporâneos seus aproximando a forma como ele discursava da sua escrita, associando diretamente a relativa ‘pobreza’ de versos à necessidade de por o turbilhão do pensamento em ordem. Martins Júnior não escrevia o que ia dizer, sempre era de cabeça e esse foi um traço marcante no seu público ouvinte. Apesar de todo o clamor em contrário, Martins Júnior publicou um livro-manifesto de nome *Poesia Científica: esboço de um livro futuro* em 1883, em resposta aos argumentos que lhe eram atirados. Logo no início do livro deixa bem clara que sua posição em defesa de uma poesia combatente e aguerrida não mudou

Este pequeno livro que ora dou a lume é um grito de alarma, um toc-sin de rebate, vibrado com uma certa intenção revolucionária. Por isso ele apresenta uma alure nervosa, uns tons sacudidos de quem luta; não tem a calma olímpica dos grandes tratados filosóficos, nem a severidade pacata e metódica dos compêndios de ciência. *Quero ter o prazer de ser chamado de pedante ou tolo pela crítica* (MARTINS, 1914 [1883] p.XI grifo meu)

O livro é um manifesto, bem como uma peça de defesa pessoal. Martins Júnior não mantém um tom neutro, pelo contrário, puxa para si a responsabilidade das críticas, bem como a escolha cuidadosa dos argumentos. Em todo o livro-manifesto deixa bem claro o uso da primeira pessoa do singular, demonstra as falhas e incompletudes da sua concepção, mas mantém firme seu argumento em defesa de uma poesia combatente. É, do introito ao cabo, um livro para servir de abre-alas para a poesia científica. Apresenta os autores ‘modernos’, indica leituras e propõe ações políticas. Martins Júnior deixa claro que está trazendo para o Brasil uma discussão nova, passível de críticas severas, mas é “o desejo de provar um fruto ainda não mordido...” que o faz persistir (MARTINS JÚNIOR, 1914 [1883], p.18). Neste momento, prefere não subordinar a poesia científica ao positivismo diretamente, de forma a evitar ser criticado como um mero reflexo acrítico da teoria europeia. De acordo com Delmo Montenegro, é o primeiro caso de um manifesto de poesia ‘de vanguarda’ de acepção essencialmente cosmopolita praticada em solo brasileiro (MONTENEGRO, 2013, p.27). Além disso, retomando o argumento dito na introdução, Martins Júnior pensava de maneira nacionalista e otimista, algo bastante incomum para os intelectuais do período. Ao encerrar seu manifesto na *Poesia Científica* fica bastante claro seu sentimento

Tenho fé em que se irá fazendo cada vez mais e cada vez melhor, no meu país, a caracterização, o acentuamento, da poesia científica. Nós, os da nascente geração brasileira, como os moços de toda a civilização ocidental, estamos moralmente obrigados a fazer válido o pensamento de Sainte Beuve [...] Devemos trabalhar todos no sentido de realizar esse desideratum: a transfusão do sangue arterial, vermelho, rico, oxigenado, da ciência no corpo franzino e lírio da Arte. Só desse modo se apressará o estabelecimento do estado positivo, só dessa maneira a evolução se completará (MARTINS JÚNIOR, 1914 [1883], p.66)

Foi durante as reuniões dos ‘petroleiros das Laranjeiras’ como eram chamados os correligionários da combativa *Folha do Norte* (1883-1884) que se popularizou o conhecimento sobre artistas europeus ligados à poesia moderna e social, especialmente Baudelaire e Victor Hugo, seus maiores mestres. A introdução desses autores no Brasil está diretamente associada ao círculo de Martins (MONTENEGRO, 2013, p.77). Após a publicação de *Poesia Científica*, Martins Júnior publicou outro livro de poesias, também com o mesmo teor, chamado *Retalhos* em 1884. Este livro, apesar de também seguir a mesma trajetória científica e combatente, não teve o mesmo sucesso que a obra-prima *Visões de Hoje*. Em 1885, republicou, numa edição revisada e aumentada, *Estilhaços*, fruto do primeiro livro de poesia em comunhão com Clóvis Beviláqua, *Vigílias Literárias*, em 1879. Como o nome já demonstra, *Estilhaços* manteve o mesmo tom de luta direcionado para todos os lados. Em 1886, relançou *Visões de Hoje*, seu grande sucesso, acrescido da 4ª visão artística, onde mantém, apesar das duras críticas, a defesa pela poesia científica. Em nota à segunda edição, após cinco anos de oposição à *Visões*, Martins Júnior deixou claro a manutenção do seu pensamento

O que eu pensava em 1881 com relação à poesia científica não se modificou para menos. Ao contrário: robusteceu-se e alargou-se (...) continua a ser, quanto a mim, a única feição possível para a emocionalidade moderna (...) Não importa que os protestos surjam à cada instante, ou que à cada instante os críticos de medíocre visão intelectual busquem encontrar na ciência e na poesia incompatibilidades insondáveis (...) Não há somente o concreto nas indagações científicas; há também o abstrato, que é o fato da filosofia, isto é: da verdadeira ciência de conjunto (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], P.13-15).

Ao adicionar sua 4ª visão – a síntese artística – em 1886, Martins Júnior reforçou seu pensamento sobre a união entre a arte e o propósito político, no curto verso “*Arte! Em teu ventre cresce esse feto – o Futuro!*” mantém a estrutura associativa entre a ciência e a arte (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.138). Sua produção poética, após essa última publicação, se tornou esparsa e dividida, quase sempre com o mesmo estilo em torno da abolição e pela república, porém nunca mais Martins Júnior comporia uma nova obra

completa de poesia científica após 1886⁶. Imaginou publicar uma obra chamada ‘Evolução’ com base nos três estágios positivos, porém essa obra nunca ocorreu (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.16-17). Apesar da sua produção na poesia ter diminuído por esse período, o mesmo não se pode dizer da sua produção jornalística e jurídica. Estranhamente, é no período após a segunda edição de *Visões de Hoje* que Martins Júnior se consagrará pela sua atuação nas áreas jurídicas e partidárias, sendo estas obras as suas produções mais conhecidas⁷.

Apesar de seus manifestos de poesia científica não terem se multiplicado em novos livros, isso não significa que suas palavras morreram em 1886. Pelo contrário, sua ideia se espalhou de uma tal maneira que, mesmo com sua produção interrompida, sua fama ganhou o país – bem como as críticas. O poeta de ‘*Visões de Hoje*’ se eternizou, também em razão da própria disputa polarizada que marcou o início da República no Brasil. Tendo sido ele um convicto positivista – e não qualquer positivista, mas a *liderança do Norte* – seus escritos, mesmo que anteriores, mantinham e ganharam uma carga política a posteriori, principalmente durante o tenso período Floriano-Prudente⁸. Na visão do seu contemporâneo Phaelante da Câmara, Martins Júnior se tornou “o centro do sistema planetário da inteligência” da Faculdade de Direito do Recife com seus versos de combate (CÂMARA, 1904, p.7). Em artigo comemorativo dos 100 anos de nascimento de Martins Júnior, Almeida Magalhães considerou que ele “provocou, no seu tempo, verdadeira revolução com as ‘*Visões de Hoje*’” (MAGALHÃES, 1960, p.60).

⁶ Em 1893 lançou o livro de poemas *Tela Policroma*, porém não se trata de uma obra de poesia científica, mas dedicada à memória da sua primeira esposa, falecida no parto junto com a primeira filha, Elisa Quintero.

⁷ Na sua produção jurídica, Martins Júnior se tornou a base para as disciplinas de História do Direito Nacional, criadas com a República. Seus compêndios ‘*História do Direito Nacional*’ (1895) e ‘*História Geral do Direito*’ (1898), bem como as suas teses de concursos reunidos sob o nome de ‘*Fragments Jurídico-Filosóficos*’ (1891) mantém a visão científicista da sua poesia na prosa, tendo sido utilizado por gerações da nova elite formada com o regime. Por ter sido ele o fundador da disciplina, por pedido de Benjamin Constant, Martins Júnior foi um grande influenciador da primeira geração de jovens formados com a república. Isso pode explicar como, entre 1886 e 1904, as atenções dele tenham se afastado da produção poética, mesmo que fosse ela a que ainda admirava seus alunos.

⁸ Martins Júnior lutou por Floriano Peixoto, tendo fundado um dos 20 batalhões patrióticos no Brasil em 1894, chamado de *Seis de Março*, em homenagem à Revolução Pernambucana de 1817. Além disso, fez parte das comissões em homenagem à Floriano após sua morte, manteve-se ao lado de ‘jacobinos’ no Congresso Nacional, esteve ao lado de Lauro Sodré pela Campanha Revisionista que pretendeu a primeira reforma da Constituição de 1891, bem como é o responsável pela negociação do Tratado de Petrópolis que anexou o Acre ao Brasil. Entre 1900 e 1904 esteve ligado diretamente com lideranças trabalhistas e se reuniu com grevistas ao longo de sua carreira política. Em todas essas ocasiões a obra *Visões de Hoje* era tida como um ‘manual’ para a luta política, sendo impossível desvincular a utilização da obra de formas diferentes para cada momento específico.

Vindos das influências de *Visões* surgiram alguns ensaios de poesia científica como *Embriões* (1886) de Dias Barroso, *Elétricos* (1883) de Phaelante da Câmara, bem como o de Anízio de Abreu *Ciência e Teologia*, dedicado a Martins. O desejo de Martins Júnior em ‘popularizar’ a poesia científica não teve, entretanto, o caminho que desejou. Em pouco tempo após o lançamento da *Poesia Científica* a sua ‘fase de tormentas’ o alijaria de toda produção poética. Com exceção de *Retalhos* (1884) e *Estilhaços* (1885), a poesia combatente de Martins Júnior entrou em hiato com a necessidade de conseguir um emprego e sobreviver. Até mesmo sua produção jornalística, área que mais gostava, sofreu certo ‘apagão’. Em busca de sua sobrevivência, tanto física como política, Martins Júnior teve seu percurso atribuladíssimo. Esse longo período de crise financeira seria ainda evidente anos após a graduação de Martins em 1883.

Todo seu enfrentamento político e ‘radicalismo’ literário fez Martins passar por duras privações durante e após a queda do Império. Os impedimentos começaram em sua formatura quando, tendo negado jurar o Trono e o Altar, lhe foi impedido pela cátedra ser contemplado com a láurea acadêmica (FOLHA DO NORTE, PE, 14-11-1883). Entre o fim da sua graduação e a República, foi professor em diversas disciplinas, trabalhando os três turnos para conseguir se sustentar e dividir seu tempo com sua atuação ativa em clubes abolicionistas, *Club Martins Júnior*, única agremiação a permitir escravos em suas fileiras. Também foi líder atuante na diretoria da *Comissão Central Emancipadora* e no grêmio clandestino, *Clube do Cupim*, responsável por encaminhar escondidos escravos fugidos para o Ceará. Entre 1884 e 1889 foi professor em aulas particulares de direito natural e romano⁹, professor substituto no Curso Anexo da Faculdade de Direito e professor, à noite, da Escola Propagadora da Boa Vista, não lhe restando muito tempo para a poesia. Além disso, casou-se com Elisa Quinteiro, irmã de Euclides Quinteiro, em 1887, obrigando-o a se dedicar aos concursos públicos para a estabilidade da nova família. Depois, tendo feito três concursos consecutivos para lente da Faculdade de Direito do Recife, classificado em 2º lugar na primeira vez e em 1º lugar as duas últimas¹⁰, sendo o único aprovado na última tentativa, a

⁹ Antes mesmo de entrar na Faculdade de Direito, Martins já sobrevivia de aulas de taquigrafia em torno dos 16 aos 18 anos.

¹⁰ As injustiças ficaram famosas após um editorial de capa inteira no *Diário de Notícias* (17 e 24 de agosto de 1889) feito por Rui Barbosa, intercedendo por Martins Júnior a pedido seu. Como Martins não tinha condições financeira e nem uma família influente, sua única arma era tentar pressionar o Imperador através da imprensa. Sua fama conseguida com seus versos de combate fez com que muitos corresse para defendê-lo. Foi um dos maiores escândalos do último ano do Império. Ângelo Agostini, em seu famoso periódico *Revista Ilustrada*,

fama que lhe rendeu seus escritos fê-lo ser três vezes preterido em lugar de concorrentes monarquistas.

Em razão das suas posições políticas claras e consideradas ‘radicais’ por muitos contemporâneos, os livros de Martins Júnior ganharam, rapidamente, uma conotação política polarizada. Todas as vezes que a discussão política recrudescia, ‘*Visões de Hoje*’ e ‘*Poesia Científica*’ ressurgiam como manifestos, mesmo após a morte de Martins Júnior. Livrinhos de bolso, versos inflamados, posição política clara, acessível e barata, tornaram a poesia científica de Martins Júnior um guia político, principalmente para a juventude sedenta por mudanças na passagem do século, ele mesmo conclamando em seus versos pelos ‘homens-constelações’ (MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.51). Em mais um trecho abaixo, esse tom de ‘chamamento’ é traço idiossincrático da escrita de Martins, que não se preocupava em tornar qualquer verso perfeito [sobre a Democracia]

*Agora diz ao mundo:
- Eu tenho dentro de mim o abismo mais profundo
Que se pode idear, de amor à espécie humana!
Minh'alma adamantina, alma republicana,
Feita de radiações prismáticas de sol,
É mais do que uma alma; é quase um farol!
Povos, ouvi-me e crede: eu busco os vossos peitos,
Como um médico busca, atento, sobre os leitos,
O pulso latejante de pálidos doentes!*
(MARTINS JÚNIOR, 1886 [1881], p.92)

A poesia científica se tornou, portanto, um claro exemplo de como a arte pode ser ressignificada com o tempo, utilizada com diferentes objetivos. Um desses exemplos é a utilização de *Visões* como “logotipo” para manifestações políticas após sua morte. Tendo falecido como um exilado e esquecido da República, o enterro de Martins Júnior reuniu mais de 20 mil pessoas em seu cortejo no Recife e um número ainda desconhecido na capital federal. Considerado como um mártir que a república oligárquica rechaçou, o poeta foi exaltado de diferentes formas. Arthur Azevedo declamou uma quadrilha que bem representa como a morte de Martins Júnior foi, rapidamente, politizada “Embalsamaram-no, coitado! / Diz muita gente, compungida/ que o tinham já embalsamado/ Em vida...” (AZEVEDO apud BANDECCHI, 1960: 160). Em suas memórias, Graça Aranha relembra que “ninguém fanatizou Pernambuco e todo o Norte como Martins Júnior, no advento da República de 89. O seu fim foi lamentável” (ARANHA, 1931, p.161). No primeiro aniversário fúnebre, os

chegou a alertar o Imperador “É assim que as instituições criam os formidáveis adversários. Gravíssimo erro!”. (REVISTA ILLUSTRADA, RJ, nº516 de 1888).

clubes literários em seu nome multiplicaram-se pelo Brasil, especialmente órgãos intitulados *Visões de Hoje*, como o homônimo em Manaus em 1908.

A Oficina Literária Martins Júnior em Pernambuco, marcando romaria em sua homenagem em seu primeiro aniversário de morte, destacou que aquela manifestação “é para que não se apague da consciência dos pernambucanos o civismo de que ele foi o maior apóstolo nestes recentes dias de descrença popular” (A PROVÍNCIA, PE, 20-8-1905). Tendo, em vida, se manifestado claramente contra a oligarquia rosista¹¹ em Pernambuco, no segundo aniversário de sua morte a Galeria Elegante apresentou uma exposição de Martins com seu retrato e, abaixo dele, *Visões de Hoje* cercado em louros (JORNAL DO RECIFE, PE, 15-9-1906). Quando a ‘dinastia’ Rosa e Silva foi desarticulada do governo de Pernambuco com a campanha beirando a guerra civil de Dantas Barreto em 1911 – *sete anos após sua morte* – o Clube Republicano Martins Júnior, saudando o candidato vencedor marchou “precedidos pela banda do 1º corpo policial e pelo estandarte aure-verde do Clube Republicano Martins Júnior, o qual apresentava o retrato do patrono, a óleo, sobre um livro bordado à ouro com as inscrições *Visões de Hoje*” (JORNAL DO RECIFE, PE, 5-2-1912). Em 1914 *Poesia Científica* é republicada com o subtítulo “destinada a auxiliar a construção do monumento do autor” em razão da homenagem feita com sua estátua ainda hoje presente nos jardins da Faculdade de Direito do Recife, fruto de anos de conferências em benefício da memória de Martins¹². No prefácio à 2ª Edição, assinado por França Pereira, declara que a “moderna geração literária – a dos jovens poetas sobretudo – o conheça e venere por mais este aspecto de esteta e de crítico emérito” em razão dos 30 anos do surgimento da poesia científica, então completa “...um brado potente de chamada às armas atirado aos poetas (...) releiam-no os que hoje, à distância desses trinta anos, podem serenamente julgá-lo e não de ver que a razão estava com ele (...) ele, chefe da legião que preferia morrer a render-se” (PEREIRA apud MARTINS JÚNIOR, 1914 [1883], p.XIII-XVII)

¹¹ Oligarquia ‘cristalizada’ no poder em Pernambuco entre 1896 e 1911, cujo líder Rosa e Silva dominava a política local através da conhecida ‘política dos governadores’. Foi durante esse período que o segundo mandato como deputado federal de Martins Júnior sofreu a ‘degola’ e foi impossibilitado de assumir a cadeira no congresso. A ele só lhe foi dado um prazo de 24h para se defender da acusação, manifestando que “este prazo não me chega para a defesa perante juízes, mas me sobra para o protesto perante carrascos” (A CULTURA ACADÊMICA, PE, 22-9-1904, p.74)

¹² Por esta época existiu mais de uma comissão em homenagem à Martins Júnior, sendo a outra do Rio de Janeiro. Esta última comissão fez conferências no sul. Em Minas Gerais ocorreu o festival Martins Júnior em 1908, por exemplo (CORREIO PAULISTANO, SP, 18-3-1908)

Seus escritos permaneceram sendo publicados em jornais brasileiros durante décadas, como em *A Federação* (RS, 27-8-1927) ao republicar artigo de Júlio de Castilhos sobre *Vigílias Literárias*, lançado em 1879. Há registros de manifestações em nome de Martins Júnior anualmente até, pelo menos, 1940, 36º ano da sua morte, lembrado sempre como o poeta de *Visões* (PEQUENO JORNAL, PE, 22-8-1940). Sua poesia, além disso, está diretamente associada com as influências em Cruz e Souza (MONTENEGRO, 2013), Augusto dos Anjos (SABINO, 2006), Waldemar de Oliveira (PAIM, 1997) e Gilberto Freyre no início do século XX, influências que, muitas vezes, foram ignoradas pela historiografia (MAGALHÃES, 1960, p.59). Gilberto Freyre, em artigo publicado em 1942 intitulado “Martins Júnior: mestre esquecido” comentou sobre a vanguarda que Martins representou para o pensamento nacional, admitindo nele não um mero ‘copista’ da Europa, mas um dos poucos pensadores que trouxe originalidade na leitura do passado nacional, mesmo que à luz de leituras comtianas. Para Gilberto Freyre, Martins era “um de nós, desgarrado num tempo que ainda não era o seu” (O JORNAL, RJ, 23-8-1942). Tendo sido o primeiro modernista ‘avant la lettre’, influenciou artistas da Semana de Arte Moderna numa permanência de construções imagéticas do Mito da Ciência (MONTENEGRO, 2013: 26).

REFERÊNCIAS

Periódicos

A Cultura Acadêmica [PE] (22 Setembro De 1904)	Jornal do Brasil [PE]
A Federação [RS]	Jornal do Recife [PE]
A Ideia Nova [PE]	Novidades [RJ]
A Província [PE]	O Etna [PE]
A República [PE]	O Jornal [RJ]
Correio Da Noite [PE]	O Libertador [CE]
Correio Paulistano [SP]	O Norte [PE]
Diário de Pernambuco [PE]	O Paíz [MA]
Folha do Norte [PE]	O Progresso [PE]
Gazeta de Notícias [RJ]	Pequeno Jornal [PE]
Gazeta do Norte [CE]	Revista Ilustrada [RJ]
	Tagarela [RJ]

Bibliografia

ABREU, Anísio de. *Scientia e Theologia*. Recife: Tipografia Central, 1883.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- ALBUQUERQUE, José Joaquim Medeiros e. *O livro mais estupendo: Eu*. In: Anjos, Augusto dos. Augusto dos Anjos: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. p.89-97. 1995.
- ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008
- ARANHA, Graça. *O meu próprio romance*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1931
- ARAÚJO, Dilton Oliveira de. *Republicanism e classe média em Salvador (1870-1889)*. Dissertação em Ciências Sociais, UFBA, 1992.
- BANDECCHI, Brasil. *Martins Júnior: batalhador incansável*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, volume LXI, 1965, p.159-171.
- BEVILAQUA, Clóvis. *A filosofia positiva no Brasil*. Recife : Tipografia Industrial, 1883.
- BORGES, Isabela Melim. *A poesia de Sílvio Romero e a de Isidoro Martins Júnior sob influência do positivismo*. Maranhão : Revista de Letras Juçara, 2018.
- CAMARA, Phaelante da. *Dois discursos em homenagem a Martins Júnior*. Recife: Imprensa Industrial, 1904
- HOFFNAGEL, Marc Jay. *From monarchy to republic in northeast Brazil: the case of Pernambuco, 1868-1895*. Indiana University, PHD, 1975.
- MAGALHÃES, Almeida. *Centenário de Martins Júnior*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, volume LXI, 1965, p.59-62.
- MARTINS JÚNIOR, José Isidoro. *A Poesia Científica*. 2ª Ed. Recife: Imprensa Industrial, 1914. [1883]
- MARTINS JÚNIOR, José Isidoro. *Visões de Hoje*. 2ª Ed. Recife: Tipografia Industrial, 1886 [1881].
- PAIM, Antônio. *A Escola do Recife: estudos complementares à História das idéias filosóficas no Brasil*. Volume V. São Paulo: UEL, 1997.
- ROMERO, Sílvio. *A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro*. Revista Brasileira de Filosofia. Jul/Set, 1955, Vol.V, Fasc.III, 1879.
- SABINO, Márcia Peters. *Augusto dos Anjos e a Poesia Científica*. Dissertação em Letras, Juiz de Fora, UFJF, 2006.
- SILVA JÚNIOR, Delmo Montenegro da. *A poesia científica em Martins Júnior: percurso de uma vanguarda literária em Pernambuco no século XIX*. Dissertação de Mestrado. Recife: PPGL, 2013.
- SUPERTI, Eliane. *Da incorporação do proletário ao direito do trabalho: um estudo sobre o projeto positivista de organização das relações de trabalho no Brasil*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, São Carlos, UFSCar, 2004.